

Poetas sem qualidades: o irônico projeto antológico de Manuel de Freitas

Julia Telésforo Osório*

Resumo

A antologia **Poetas sem qualidades** consiste no primeiro título do catálogo da editora lisboeta Averno. Em seu paratexto prefacial, intitulado “O tempo dos puetas”, fundamenta-se a política comercial desse selo, que consiste em não encaminhar, mercadologicamente, reedições dos livros já publicados que apresentam a poesia de autores contemporâneos pouco reconhecidos criticamente. Neste artigo, discuto o referido posicionamento editorial, reconhecendo a seleta que o registra como objeto irônico, uma vez que critica posicionamentos literários de viés institucional ao formular uma atitude de resistência caracterizada pela sua base argumentativa construída por meio de uma dicção acadêmica. Também apresento uma reflexão acerca da recepção crítica destinada à antologia em textos pertencentes a dois periódicos, aqui representada por um texto de Gastão Cruz componente do número 12 da revista portuguesa **Relâmpago** (2003) e também por um artigo de autoria do poeta Nuno Júdice, publicado em 2009 pela revista brasileira **Via Atlântica**.

Palavras-chave: Averno. Literatura portuguesa contemporânea. Poetas sem qualidades. Política editorial. Recepção crítica.

* Doutora em Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é professora da Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5135-7048>.

Poetas sem qualidades: Manuel de Freitas's ironic anthological Project

Abstract

The anthology **Poetas sem qualidades** is the first title of the Averno's catalog, a Publisher from Lisbon. Entitled "O tempo dos puetas", the preface is the base of the commercial policy of this label, which consists of not make a second edition of books already published of authors not as much known critically. In this article, I discuss this editorial position, recognizing as an ironic object, since it criticizes literary positions of institutional base when formulating an attitude of resistance characterized by its argumentative basis built through an academic diction. I also present a reflection on the critical reception for the anthology in texts belonging to two journals, represented here by a essay by Gastão Cruz, published on number 12 of the Portuguese magazine **Relâmpago** (2003), and also by an article by Nuno Júdice, published in 2009 by the Brazilian magazine **Via Atlântica**.

Keywords: Averno. Contemporary Portuguese Literature. Poetas sem qualidades. Editorial politics. Critical reception.

Recebido em: 30/09/2020 // Aceito em: 05/12/2020

Em 2002, o poeta contemporâneo português Manuel de Freitas publicou uma antologia de poesia intitulada **Poetas sem qualidades**, que consiste no primeiro título do catálogo do selo Averno, do qual ele é editor frequente, e se dedica à apresentação de uma das vertentes da poesia contemporânea portuguesa integrante do mercado editorial datado deste início de século XXI. Se fosse comparado a outras publicações pertencentes a mais renomadas editoras comerciais, o volume poderia ser praticamente desconhecido do atual público leitor de poesia portuguesa, visto que ele foi lançado em uma ínfima tiragem de 350 exemplares pela citada editora, que mantém, como prática comercial, a publicação sem reedição de seus títulos numa média de 300 exemplares cada. Apesar de ter sido restrito o lançamento da seleta no mercado editorial português naquele momento, ela atingiu um número maior de leitores em comparação à quantidade de exemplares que foram, então, disponibilizados para venda no comércio de livros de língua portuguesa, pois assim comentou Sabrina Sedlmayer sobre o contexto de publicação dessa recolha:

[...] Muitas vezes ligada à força dos movimentos geracionais e em tons de manifesto poético, ou até mesmo como a cartografia (ou genealogia) de um determinado poeta e suas “vozes comunicantes”, as antologias possuem uma vigorosa recepção. Vale a pena lembrar, a título de exemplo, o sucesso editorial, ocorrido em 2002, quando a antologia organizada por Manuel de Freitas, *Poetas sem qualidades*, lançada por uma editora alternativa, esgotou em apenas dois meses de venda. (SEDLMAYER, 2015, p. 160)

Acerca da crise e do mal-estar da literatura e das estatísticas voltadas aos produtos culturais que, a princípio, seriam lidos por poucos, afirma Marcos Siscar que há uma

insistente elaboração de pesquisas baseadas em estatísticas e dirigidas ao grande público, as quais, frequentemente limitadas por precaução ‘metodológica’ [em nota, Siscar exemplifica isso ao citar a pesquisa feita pelo Nation Endowment for the Arts], a rigor deixam de enfrentar a dificuldade dos dados objetivos, muito mais complexos do que se pensa e não raro contraditórios: venda de livros, produção editorial ao longo da história, fluxo de traduções, uso de bibliotecas [No Brasil, há um exemplar da antologia de Manuel de Freitas no acervo do Real Gabinete Português de Leitura na cidade do Rio de Janeiro], circulação de livros usados, [empréstimos entre usuários, reprodução de livros em fotocópias e digitalizações on-line], variedade de suportes de texto (livros, revistas especializadas, imprensa escrita), tipos de uso da literatura (na educação, nas diversas artes), além, é claro, do fenômeno da Internet, essa gigantesca biblioteca, que tem sido considerada também como um laboratório de criação literária. (SISCAR, 2010, p. 18-19)

O citado formato antológico constitui-se, estruturalmente, por quatro paratextos (uma epígrafe, uma nota do organizador, um prefácio e uma seção nomeada “9x7”) que o organizam, além da presença dos poemas selecionados. Essa distribuição paratextual evidencia, ao leitor, o diálogo proposto pelo organizador com textos que lhe seriam importantes para fundamentar sua atitude mercadológica de fundação de um selo editorial de viés “alternativo” a partir de referências a nomes de escritores e a conjunturas literárias específicas, como os de Luís de Camões, Herberto Helder, Robert Musil, Charles Baudelaire, T. S. Eliot e outros importantes autores da literatura ocidental. O prefácio, em específico, encaminha a compreensão do motivo pelo qual as produções daqueles poetas foram eleitas para integrar a recolha e o respectivo projeto comercial da Averno, uma vez que, até o ano de 2002, os nove autores tinham publicado poucos livros

de poesia por pequenas editoras: Carlos Alberto Machado, **Mundo de aventuras** (Ataegina, 2000), **Ventilador** (Elefante Editores, 2000) e **Mito** (&etc, 2001); Ana Paula Inácio, **As vinhas de meu pai** (Quasi, 2000) e **Vago pressentimento azul por cima** (Ilhas, 2000); Carlos Luís Bessa, **Legenda** (Edições Atlas, 1995), **Termómetro-Diário** (Black Sun Editores, 1998), **Olhos de morder lembrar e partir** (Black Sun Editores, 2000) e **Lançam-se os músculos em brutal oficina** (&etc, 2000); Rui Pires Cabral, **Geografia das estações** (Edição do Autor, 1994), **A super-realidade** (Edição do Autor, 1995) e **Música antológica & Onze cidades** (Presença, 1997); João Miguel Queirós, **Veludo 038** (&etc, 1998); José Miguel Silva, **O sino de areia** (Gilgamesh, 1999) e **Ulisses já não mora aqui** (&etc, 2002); Nuno Moura, **Não saia nem entre após aviso de fecho de portas** (Signo, 1993), **Soluções do problema anterior** (&etc, 1996), **Nova asmática portuguesa** (Mariposa Azual, 1998) e **Os livros de hélice fronteira, Regina Neri, Vasquinho Dasse, Ivo Longomel, Adraar Bous, Robes Rosa, Estevão Corte e Alexandre Singleton** (Mariposa Azual, 2000); Vindeirinho, **Domésticos** (Black Sun Editores, 2001); e Anónimo: **Bardamerda – Poemas citacionistas contemporâneos** (&etc, 1999).

O tipo de publicação “antologia” constitui-se, tradicionalmente, em uma das maneiras de institucionalização de autores e textos literários reconhecidos, o que contribui para a formação da ideia de cânone ao longo da história da literatura (CEIA, 2010, s/p). No entanto, essa definição não se aplica a **Poetas sem qualidades**, na medida em esse livro traz um panorama de obras de autores que estavam em plena atividade e que, até aquele momento, haviam publicado poucos livros de

poesia, como visto. Devido a isso, Manuel de Freitas não teria pretendido uma tentativa de inserção dos autores por ele eleitos no cânone poético português com a publicação desse formato antológico, mas sim uma estratégia de destacar tais nomes no mercado editorial daquele país ao agrupar poemas de diferentes autores pouco reconhecidos em um livro de viés seletivo pouco acessível comercialmente, que havia sido esgotado rapidamente. Nesse sentido, torna-se interessante considerar o fato de a publicação de uma antologia, na atualidade, pressupor um ato crítico para a sua composição além de se configurar como um dos modos de legitimação de viés canônico de obras literárias, segundo Carlos Felipe Moisés:

Toda antologia, como ato crítico que é, traduz uma avaliação. [...] O pressuposto básico é a confiança que depositamos no organizador da antologia. [...] Sendo um ato crítico, seletivo, toda antologia deixará de fora alguns poetas. Incluir a todos, indistintamente, seria evidente demonstração de falta de critério. O que se espera de uma antologia é exatamente isto: um critério, com o qual as escolhas serão coerentes. Tirante os casos extremos, porém, não há o que reclamar de uma coletânea que exclua A, B ou C e inclua X, Y ou Z, se for um trabalho responsável e competente. Neste caso, o critério adotado será capaz de justificar inclusões e exclusões. Poderemos discordar *in toto*, do critério adotado, mas será perda de tempo fazer reparos à presença ou à ausência deste ou daquele poeta. Há muito as antologias [das últimas décadas] deixaram de ser o que sempre foram: aquele objeto confiável, que revela quais poetas merecem ser lidos. Antes os poetas criavam uma obra, para só então virem a ser incluídos em antologias, e isso confirmava o prestígio anteriormente adquirido; hoje, figurar em uma já confere o prestígio que a obra, quando vier a existir, talvez confirme. (MOISÉS, 2013, s/p)

No polêmico prefácio intitulado “O tempo dos puetas”

[sic], escrito na primeira pessoa do organizador, articula-se uma fala assumidamente crítica que contrapõe as poéticas dos mencionados nove autores a de outras vozes que também publicavam naquele momento, que possuíam, entretanto, um modo de fazer e de conceber a matéria poética distinto de outros autores de viés mais acadêmico, como Manuel Alegre e Nuno Júdice (FREITAS, 2012, p. 158-159). Logo na primeira frase lê-se: “A um tempo *sem qualidades*, como aquele em que vivemos, seria no mínimo legítimo exigir poetas sem qualidades” (FREITAS, 2012, p. 155). Marcados em minúsculas, assim como ocorre na capa do livro, os autores que intitulam a seleta são apresentados como resultado de uma exigência legítima da contemporaneidade:

O que importa reter para os propósitos desta antologia, é, antes de mais, a relação do(s) poeta(s) com o seu tempo (e, fatalmente, com os mecanismos mentais e axiológicos que o determinam). A questão que hoje se coloca – em Portugal, que é onde estamos – prende-se sobretudo com o apreço «qualitativo» por anacronismos e ourivesarias e com o *resto*. Esta antologia, que não foi subsidiada nem gastou solas no Parnaso, pretende contemplar isso mesmo: o(s) resto(s). [...] É deles (poetas sem qualidades) esta antologia – que não se quer consensual, não terá segunda edição e não pretende retratar nenhum período ou geração embora todos os poetas nela incluídos tenham começado a publicar a partir da década de noventa. (FREITAS, 2012, p. 155, 157 e 160)

No papel de editor, Manuel de Freitas se valeu de um enunciado prefacial que se filia à ideia moderna de “crise”, cujo discurso “se reconhece decisivamente na esfera do julgamento, da decisão, que, como se sabe, também está no radical grego *crisis*” (SISCAR, 2010, p. 11, grifos do autor).

Mantida em algumas produções poéticas, como as da vertente “sem qualidades”, desde o século XIX, como “*herança crítica da literatura*” (SISCAR, 2010, p. 20, grifos do autor), a crise moderna resiste ao “desenvolvimento da sociedade industrial de massa”, ao “fantasma da transformação do humano em mercadoria” e à “constituição de um ponto de vista aritmético sobre a realidade social” (SISCAR, 2010, p. 20). Nesse sentido, o organizador de **Poetas sem qualidades** deu continuidade, nesse objeto mercadológico, a um modo de compreensão moderno da arte poética já legitimado criticamente em obras de outros poetas e vertentes literárias:

[...] [Prefácio] Foi ainda Benjamin um dos primeiros a constatar que a *qualidade* passou a ser, nas sociedades industrializadas, sinónimo de *quantidade*. Seria razoável supor que aqueles que menos confortavelmente enfrentariam esta situação seriam os poetas até porque — ao contrário do que parece suceder com os romancistas — «não há por aí as máquinas maternas de produzi-los serialmente». [Herberto Helder, *Phototom & Vóx*] [...] Que se lhe chame ou não «democracia» é o que menos importa; estamos perante o reino do quantitativo, da mercadoria que se assume como tal. Ao homem reificado, cabe um tempo — e também, cada vez mais, um espaço — *sem qualidades*. [...] É sabido que, com Baudelaire, ganha forma a ideia ocidental de *modernidade*, sentida, antes de mais, enquanto necessidade estética e, porventura, consequência de um declínio moral. Mas é também com Baudelaire que surge a primeira grande denuncia do *progresso* [...]. Não por acaso, é ainda em Baudelaire que se dá a ler a sátira algo ambígua do poeta aureolado, anacrónica figura que se não adequa já à inescapável realidade urbana e económica (num sentido lato). Perder a auréola, para o autor de *Le Spleen de Paris*, apresenta-se simultaneamente como uma fatalidade e como uma responsabilidade estética (uma ética da contemporaneidade, se preferirmos). O poeta aureolado, como observou Benjamin, adquiriu para o penetrante olhar baudelairiano um estatuto de

“vieillerie” [Walter Benjamin, “Sur quelques thèmes baudelairiens”]. Por outras palavras, a partir de Baudelaire, a indissociabilidade entre o poeta e o seu tempo adquiriu a força de uma evidência. O declínio da aura significa, entre outras coisas, o predomínio do temporal sobre o eterno e, concomitantemente, da prosa sobre o verso (em termos comerciais, pelo menos). (FREITAS, 2002, p. 5, 9, 10 e 11)

Um discurso semelhante aos das esferas institucionais académicas é o que, ironicamente, predomina nesse paratexto, no qual há citações, notas de rodapé, referências a uma ideia de tradição, a estilos e a modos de entendimento de arte literária como recurso argumentativo capaz de embasar determinada reflexão, apesar de ele registrar uma crítica a uma vertente mais académica de compreensão da poesia. Já no seu primeiro parágrafo leem-se gestos academicistas relacionados à tradição, à poesia moderna, a autores e a obras literárias legitimadas. Isso evidencia uma atenção do organizador do volume destinado à sua receptividade, principalmente crítica de viés institucional, uma vez que existe, nele, a prévia formulação argumentativa que justifica, nos moldes académicos, seu ato crítico antológico antes mesmo de o livro ser efetivamente publicado e, por consequência, lido por diferentes sujeitos:

[...] Curiosamente, estes últimos [poetas sem qualidades] parecem ser não apenas uma espécie rara, como pouco apreciada. Sinal dos tempos, poder-se-ia concluir, evocando de passagem a *distracção* fundamental que caracteriza, segundo Walter Benjamin, os apetites das massas¹ [Nota 1: Cf. Walter Benjamin, “L’oeuvre d’art à l’ère de sa reproductibilité technique” in *Ouvres III*, Paris, Gallimard, 2000, p. 109.]. Foi ainda Benjamin um dos primeiros a constatar que a *qualidade* passou a ser, nas sociedades industrializadas, sinónimo de *quantidade*² [Nota 2: Cf. *Ibidem*, p. 107.]. Seria razoável supor que aqueles que menos confortavelmente enfrentariam esta

situação seriam os poetas, até porque – ao contrário do que parece suceder com os romancistas – “não há por aí as máquinas maternas de produzi-los serialmente”³ [Nota 3: Herberto Helder, *Photomaton & Vox*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987 (2a edição), p. 168.]. E houve, de facto, um poeta (e excelente crítico da cultura) que voltou a lembrar que havia gente a mais e vida a menos: T. S. Eliot⁴ [Nota 4: “[...] muito simplesmente, há gente demais” – T. S. Eliot, “Uma Nota Sobre Cultura e Política” in *Notas Para uma Definição de Cultura*, Lisboa, Século XXI, 1996, p. 99.]. Algum tempo depois, Guy Debord dissecou implacavelmente a *sociedade do espetáculo* em que, salvo informação em contrário, continuamos a viver. Que se lhe chame ou não «democracia» é o que menos importa; estamos perante o reino do quantitativo, da mercadoria que se assume como tal. Ao homem reificado, cabe um tempo – e também, cada vez mais, um espaço – *sem qualidades*. (FREITAS, 2012, p. 155-156)¹

Tal estratégia discursiva relaciona-se a uma das finalidades desse tipo de enunciado, conforme o entendimento do organizador da seleta, na medida em que, ao longo do prefácio, há uma prévia articulação crítica favorável à leitura do volume antes mesmo do contato efetivo de quem o lê com os textos poéticos que justificariam, em tese, a sua confecção. Desse modo, Freitas teria por objetivo viabilizar uma legitimação *a priori* da recolha antes do seu efetivo lançamento no heterogêneo cenário cultural português então instaurado em 2002. De fato, acredito que a tentativa, concebida de maneira intencionalmente provocativa — a partir de ataques explícitos a poetas e poéticas de viés “acadêmico” —, atingiu o seu propósito, pois houve o registro de repercussões críticas que abordaram a seleta tanto positivamente quanto o contrário, como se pode ler nos ensaios componentes do número 12 da revista de poesia **Relâmpago**

¹ Em colchetes, opto pela reprodução das notas presentes no texto, cujos grifos também lhe pertencem.

(2003), que tematizou a “Nova poesia portuguesa”, organizado por Fernando Pinto do Amaral. Além disso, há também o reconhecimento de **Poetas sem qualidades** como um marco da poesia contemporânea portuguesa, o que está registrado no número 33 da mesma revista, publicado no ano de 2013, por Fernando J. B. Martinho:

Para compreendermos a poesia portuguesa de mais recente revelação, temos de recuar, pelo menos, aos primeiros anos do novo milénio. Por esses anos, é organizada a antologia *Poetas sem qualidades* (2002), e vêm a público o n.º 12 da *Relâmpago* dedicado à “Nova poesia portuguesa” (2003), o número inaugural da revista *Telhados de Vidro* (Novembro de 2003) e a 3.ª edição, revista e aumentada da antologia *Anos 90 e agora* (2004). Ainda na primeira década deste milénio se situa o começo da publicação da revista *Criatura* (2008). (MARTINHO, 2013, p. 33, grifos do autor)

Em 2012, Manuel de Freitas publicou um breve texto intitulado “O *Post scriptum* em 2010”, no seu livro de ensaios *Pedacinhos de ossos* (2012). Nele, **Poetas sem qualidades** foi caracterizado como um “gesto irónico” (FREITAS, 2012, p. 163):

Há oito anos, quando eu e a Inês Dias (com o firme e generoso apoio do Olímpio Ferreira) decidimos criar a Averno, estávamos longe de esperar que o volume inaugural — *Poetas sem qualidades* — se viesse a tornar uma raridade bibliográfica e, nem sempre pelas melhores razões, uma antologia assiduamente referida. Expliquemo-nos. Essa antologia nasceu, obviamente, de um gesto irónico e de uma declarada falta de paciência para com certos arrebatamentos líricos mais ou menos consagrados. Mas a ironia passou ao lado de quase toda a gente, e a «cinzentania» reinante levou, como sempre, tudo demasiado a sério. Poderia até haver, naquele conjunto de poetas, vozes genuinamente avessas ao conceito de «qualidades», se o termo for entendido

como sinónimo de ornamento retórico gratuito ou floreado estilístico obsoleto. Porém, não seriam os editores nem o organizador estúpidos o bastante para proporem à circulação um conjunto de poetas que lhe parecesse, literariamente, «sem qualidades» (expressão que se viu, muitas vezes, alterada para o singular, com o desvio semântico inerente «sem qualidade»). «Sem qualidades» — sublinhemos, pois, o musiliano plural — poderia tão-só querer dizer «desprovidos de características imediatamente reconhecíveis» ou «desprovidos de qualidades aplicáveis ao tempo bárbaro, mercantil e acomodado em que vivem». [...] Tratava-se — apenas — de acentuar vozes que manifestavam ou manifestam, de modo entre si bem distinto, algumas «qualidades outras», nos antípodas de um lirismo meramente oficial e/ou oficial. [...] (FREITAS, 2012, p. 163-164)

Tal “ironia” parece evidenciar uma real insatisfação diante da receptividade atribuída ao produto editorial, reconhecido hoje como uma “raridade bibliográfica” (SEDLMAYER, 2015). O incômodo pode ser observado do início ao fim daquele ensaio, bem como uma espécie de insatisfação que marca as linhas de “O tempo dos poetas”. Mal-estar esse que desencadeou um embate textual entre alguns leitores da recolha e o seu organizador, materializado em “Caminhos da poesia recente” (2009), artigo de autoria de Nuno Júdice, cuja figura foi atacada de modo agressivo ao longo do mencionado prefácio da antologia **Poetas sem qualidades**:

[...] Aquilo que os [Poetas sem qualidades] distingue não é tanto uma proposta estética como a aparente rejeição de um pensamento poético, de um paradigma formal, o que vai resultar num simples epigonismo daquilo que de melhor existe nos seus referentes. [...] Há sem dúvida um culturalismo básico nesta escrita, que começa pelo próprio título que vai buscar ao “Homem sem qualidades” de Musil a sua designação. Este

culturalismo prolonga-se em muitos poemas que vivem de citações directas ou intertextuais. A autoridade de músicos, poetas, filósofos, todos surgidos da “grande” esfera do estético (Bach, Benjamin, Baudelaire) retiram assim todo o carácter “espontâneo” que essa ligação vivencial ao quotidiano pressuporia. [...] É, de certo modo, este recurso a textos anteriores e posteriores ao próprio poema, uma forma de prolongar aquilo que, muitas vezes, é uma incapacidade de desenhar e fechar o seu universo próprio, bem como de o sustentar, numa estrutura imagética e verbal sólida, o que explique a aversão que manifestam para com o que chamam “discursivismo”. (JÚDICE, 2009, p. 291 e 293)

Antes de declarar o seu julgamento contrário, Júdice apresentou algumas vozes outras componentes da cena poética de início de século XXI. As obras poéticas dos professores Ana Luísa Amaral, Fernando Pinto do Amaral e Manuel Gusmão foram por ele legitimadas como representativas daquele cenário, além de terem sido citadas e discutidas no princípio do texto para, na sequência, ser declarada a opinião do autor sobre **Poetas sem qualidades**. É importante observar a postura antiética do citado autor no que tange à ausência de referência formal, localizada frequentemente no fim de um dado artigo científico, ao supracitado volume seletivo, que foi discutido ao longo daquela proposta argumentativa, publicada aqui no Brasil pela revista acadêmica **Via Atlântica**, da Universidade de São Paulo. Fato esse também observado na ausência de referências às demais obras literárias e teóricas² mencionadas no decorrer da segunda seção desse texto de viés acadêmico, intitulada “A invenção da pólvora numa poesia sem qualidades”, que faz alusão evidente à recolha.

² Por exemplo: Pedro Tamen, Herberto Helder, António Osório, Gastão Cruz, Vasco Graça Moura, Roland Barthes, Robert Musil, Johann Sebastian Bach, Walter Benjamin, Charles Baudelaire, Ruy Belo, Mario Cesariny, Umberto Eco, etc. (JÚDICE, 2009, p. 292-295).

Nas referências apresentadas no final do artigo, registram-se apenas as nove obras pertencentes a sujeitos vinculados ao meio acadêmico: Ana Luísa Amaral; Fernando Pinto do Amaral; Maria Andresen, Ana M. P. Antunes, David Teles Pereira e Diogo Vaz Pinto (organizadores dos quatro números da Revista **Criatura**, vinculada ao Núcleo Autônomo Calíope da Faculdade de Direito de Lisboa) e Manuel Gusmão. Isso expõe e, portanto, corrobora a localidade da discussão encaminhada via ato crítico paratextual, que se refere a uma “cinzentania” acadêmica (FREITAS, 2012), representada por práticas tradicionais e engessadas de alguns indivíduos vinculados a instituições universitárias em relação à matéria poética, como o próprio Nuno Júdice. Ao expor as referências de maneira intencionalmente incompleta das obras discutidas ao longo do seu artigo, Júdice reforça o mal-estar formulado naquele projeto antológico. Em seu gesto crítico, porém, legitimou-se, academicamente, um dos poetas “sem qualidades” não referenciado formalmente na bibliografia do artigo, caso de Rui Pires Cabral, que publicou, pela Averno, livros de poesia e traduções de poemas — estes em alguns números da revista **Telhados de Vidro**:

O que caracteriza estes poetas [Aqueles publicados nos números da revista *Criatura* desde 2008, dirigida por Ana M. P. Antunes, David Teles Pereira e Diogo Vaz Pinto; e também as poetas Filipa Leal, Catarina Nunes de Almeida e Joana Serrado] é a procura de uma expressão própria, por um lado, e o regresso a uma relação pessoal com o seu tempo e o seu mundo, liberta de imposições de escola, de estilo ou de moda. A este conjunto poderia também acrescentar-se um conjunto de nomes que apontam percursos próprios: Rui Lage, Rui Córias, Rui Pires Cabral, José Mário Silva, e um poeta que publica há mais tempo, mas que atinge também um ponto interessante neste período: João Luís Barreto Guimarães. (JÚDICE, 2009, p. 293)

Ainda segundo Júdice, haveria, naquele projeto antológico, uma pretensão de contrariar o conceito tradicional de criação poética como “uma consciência do ato de escrita e o domínio pleno da técnica e dos recursos retóricos que não podem ser ignorados por quem escreve, sob pena de se cair no amadorismo” (JÚDICE, 2009, p. 291). Essa crítica também foi desenvolvida nas ponderações destinadas à linguagem poética e a um eventual amadorismo por parte de alguns dos **Poetas sem qualidades** encontradas em texto vinculado a outra revista de viés acadêmico, na qual também se formulou um posicionamento resistente a eles. Trata-se do ensaio intitulado “‘Nova poesia’ e ‘poesia nova’” (AMARAL, 2003), do também poeta e professor acadêmico Gastão Cruz, publicado no mencionado número 12 da revista de poesia portuguesa **Relâmpago**:

Não poderia falar de “nova poesia portuguesa” sem me deter um pouco na estranha postura de Manuel de Freitas, dado o protagonismo que, em contradição flagrante com uma pouco convincente encenação de marginalidade, a sua intervenção vem assumindo. [...] Trata-se de uma atividade que no plano crítico se baseia, por norma, em meras execuções sumárias [...], sem qualquer fundamentação ou desenvolvimento de pontos de vista, numa recusa sistemática de toda a poesia que não esteja de acordo com a sua inconsistente teorização. [...] [Há um] culto da mediocridade, da banalidade, à ausência de risco, ao recuo perante qualquer veleidade de invenção verbal, em suma, a uma poesia (realmente) “sem qualidades”.

Não creio que, na prática, seja isso o que se tem passado, pelo menos nos melhores casos com a “nova poesia”. O *trabalho poético*, o *ofício cantante*, a aplicação artesanal, não estão sequer excluídos da escrita de dois ou três poetas que aceitaram figurar sob a designação de “poetas sem qualidades”: José Miguel Silva, Rui Pires Cabral ou mesmo Manuel de Freitas

(aliás, não integrado [como poeta] na antologia), pelo menos no seu melhor livro, *Game over*, procuram, sem dúvidas, fugir ao amadorismo a que o seguimento à letra da defesa de uma poesia “sem qualidades”, tão desajeitadamente teorizada, forçosamente conduziria. O prefácio a *Poetas sem qualidades* reclama-se, aliás, de Baudelaire e de T. S. Eliot, inexecutáveis artesãos da poesia — e bem conscientes da necessidade de que o poeta seja um *fabbro*. (AMARAL, 2003, p. 31-30)

Em sintonia com a crítica anteriormente discutida, Gastão Cruz também destaca os temas da linguagem poética e de um possível amadorismo quando a questão poética é recusada por um dado sujeito quando se opta pela escrita e publicação de poemas em verso hoje. Interessante observar, porém, o elogio aqui registrado não apenas a um, mas a três autores envolvidos no discutido formato antológico: José Miguel Silva, Rui Pires Cabral e o próprio Manuel de Freitas, agora como poeta e não mais como organizador ou editor de poesia. O fato novo encontrado nessa linha argumentativa consiste no que Gastão Cruz denomina “encenação de marginalidade” por parte de Freitas ao exercer o papel de organizador de uma seleta de poesia contemporânea. Diante disso, pode-se afirmar que a crítica é localizada e põe em voga mais a concepção literária que circunda o projeto editorial, do qual a recolha é representante e fundadora, do que as poéticas selecionadas para integrá-la, na medida em que os nove autores não seriam ou

não são muita coisa. Não são, por exemplo, ourives de bairro, artesãos tardo-mallarmeanos, culturalizadores do poema digestivo, parafraseadores de luxo, limadores das arestas que a vida deveras tem. Podemos, pelo contrário, encontrar em todos eles um sentido agônico (discretíssimo, por vezes) e sinais evidentes de perplexidade, inquietação ou escárnio perante o tempo e o mundo em que escrevem. Não serão, de facto,

poetas muito retóricos (embora à retórica, de todo, se não possa fugir), mas manifestam força – ou admirável fraqueza – onde outros apenas conseguem ter forma ou uma estrutura anêmica. *Comunicam*, em suma; não pretendem agradar ou ser poeticamente correctos. Só é possível falar destes poetas negativamente (e ainda bem): aproxima-os a falta de todas essas qualidades em que os meus contemporâneos se têm revelado pródigos. Por isso estão aqui, a desabrigo, a dizer o que dizem. (FREITAS, 2012, 160)

As citações, recursos tradicionalmente vinculados aos discursos institucionais, são utilizadas ao longo da recolha tanto para criticar determinadas vozes poéticas como para embasar a crítica publicada em formato antológico. Tal uso é importante, uma vez que indica o entendimento de uma suposta tentativa de legitimação, acompanhada de uma exibição do repertório erudito do poeta-editor-organizador, além de localizar esse ataque prefacial. Nesse sentido, o *modus operandi* acadêmico que ironicamente singulariza a seleta serviu para lhe possibilitar uma espécie de defesa no momento em que ela foi lançada, na medida em que o projeto mercadológico “Averno” teria sido previamente argumentado teoricamente nos moldes acadêmicos. Contudo, isso não evitou o encaminhamento de críticas e resistências por parte de leitores de poesia à seleta, sobretudo por sujeitos vinculados a instituições universitárias, pois no primeiro livro daquele selo editorial há o registro de uma provocação mercadológica direcionada, o que parece ter exigido daqueles que a leram um declarado posicionamento relacionado não somente à sua aprovação ou o contrário, como também uma explicitação conceitual sobre a matéria poética. Por essa perspectiva, toda a estrutura de **Poetas sem qualidades**, tanto a dos poemas quanto a dos paratextos, possibilitou a implementação do projeto Averno

e também a recepção crítica “vigorosa” (SEDLMAYER, 2015) da antologia, que está para além de somente expor um panorama de parte da recente poesia portuguesa a partir da menção a obras de poetas que iniciaram seus percursos literários em meados da década de 1990, pois ela ajudou a atualizar o debate em torno do fazer poético neste início de século.

Além disso, a restrita prática editorial da Averno, inaugurada com **Poetas sem qualidades** e mantida nos demais títulos lançados por esse selo, agrega, a seus produtos, uma espécie valor de “raridade” pouco tempo após as suas respectivas publicações no mercado e, por decorrência, na própria cena crítico-literária portuguesa na qual eles se inserem, pois a indisponibilidade de acesso já é prevista de antemão pelos editores, dentre eles Manuel de Freitas, tornando-se, dessa forma, uma característica comercial “imutável”. Apesar de isso ser cultivado pela chancela até hoje, seu projeto editorial encaminhou, paratextualmente, em seu primeiro título, uma crítica destinada a poetas e obras “elitistas” ou, no termo baudelairiano, “aureoladas” (FREITAS, 2012, p. 156), especialmente no discutido prefácio, que assegurou o reconhecimento do nome da Averno como uma das referências editoriais entre os leitores interessados pela recente produção poética portuguesa.

Quando a primeira obra de um recém-inaugurado catálogo literário dedicado à matéria poética contemporânea critica as práticas mercadológicas quantitativas (FREITAS, 2012, p. 155) que caracterizam o comércio e o próprio tempo atual e, contraditoriamente, se transforma em um objeto “raro”, reconhecido como “sucesso jamais reeditável”, a ironia se estabelece, pois a conjuntura editorial da Averno destaca seus livros quando estes são comparados às demais publicações que

lhes são contemporâneas e que se constituem igualmente em produtos negociáveis e reprodutíveis na contemporaneidade.

Os títulos dessa chancela configuram-se, portanto, em objetos comerciais cuja finalidade de existência consiste em suas respectivas vendas no mercado de livros. Entretanto tais acessos são inviabilizados precocemente sem que haja estimativas de reedições, mesmo que porventura exista o desejo de consumo de mais de 350 leitores inseridos em um mercado massificado, composto, em maioria, por editoras que reeditam títulos. Interessante considerar o fato de um dos ataques prefaciais se referir justamente a produções literárias de poetas “com” qualidades, que seriam, nas palavras do organizador, “anacrônicos ao seu tempo”, assim como é a política “aurática” de publicação da Averno:

É sabido que, com Baudelaire, ganha forma a ideia ocidental de *modernidade*, sentida, antes de mais, enquanto necessidade estética e, porventura, consequência de um efetivo declínio moral. Mas também é com Baudelaire que surge a primeira grande denúncia do *progresso* [...] Não por acaso, é ainda em Baudelaire que se dá a ler a sátira algo ambígua do poeta aureolado, anacrônica figura que não se adequa já à inescapável realidade urbana e econômica (num sentido lato) [massificada, hoje]. O poeta aureolado, como observou Benjamin, adquiriu para o penetrante olhar baudelaireano um estatuto de «vieillerie». Por outras palavras, a partir de Baudelaire, a indissociabilidade entre o poeta e o seu tempo adquiriu a força de uma evidência. O declínio da aura significa, entre outras coisas, o predomínio do temporal sobre o eterno e, concomitantemente, da prosa sobre o verso (em termos comerciais, pelo menos). [...] Tem-se dito muito bem da novíssima poesia portuguesa, com as qualidades todas que lhes são reconhecidas. Resta saber, caso a caso, se alguma coisa se dá a ler para além do ostensivo manejo dessa(s) «qualidade(s)», mera habilidade que se

traduzia, há cem anos, numa inflação de sonetos que os alfarrabistas padecem ainda. Mas não é minha intenção pronunciar-me sobre poetas com qualidades, até porque prefiro os outros. É deles esta antologia (FREITAS, 2012, p. 156, 159 e 160)

Nesse trecho, as menções à obra de Charles Baudelaire, como a do poema em prosa “A perda da auréola”, foram mobilizadas, por Manuel de Freitas, a fim de embasar o seu referido ataque. Como resultado daquela postura, pode-se ainda observar, dezessete anos após a fundação da supracitada editora, a dificuldade enfrentada pelos consumidores em potencial do seu catálogo, o que pode gerar uma conseqüente ausência de uma pluralidade de leituras dos livros do discutido selo e corroborar o viés elitista que o singulariza comercialmente, sobretudo no que tange ao quesito “acessibilidade”. Tal característica, entretanto, não se refere a uma questão temático-formal cultivada pelos autores editados (o que, aliás, foi utilizado como base argumentativa para a elaboração de críticas aos “rivais” em “O tempo dos puetas”, como aponta o final do excerto acima citado quando Freitas faz referência a quem os interessa em matéria de poesia). Trata-se mais de uma questão mercadológica em se tratando de uma editora inserida em um contexto literário no qual se lançam, com frequência, em mais de uma edição, tanto livros impressos quanto e-books, suporte este que, se utilizado, pode diminuir consideravelmente o custo de produção e, assim, viabilizar, economicamente, a confecção de reedições por parte de pequenas editoras. Inquestionável é, todavia, a preservação “aurática” das práticas comerciais da Averno, que mantém a recusa de ampliar o acesso de seu catálogo ao nem cogitar reimpressões. Apesar dos empecilhos, não foi impedida a formulação de uma atenção e, por decorrência, produção crítica

destinada aos temas propostos a partir da seleta, o que corrobora o fato de as leituras desses livros “únicos” terem ultrapassado 350 consumidores, podendo isso funcionar como argumento para encaminhar a disponibilização, no mercado, de uma ou mais reedições de **Poetas sem qualidades**, passada mais de uma década do lançamento daquela ínfima tiragem. Sobre a poesia em tempos de crise, diz Marcos Siscar que

[a capacidade ‘crítica’ da poesia] está ligada à possibilidade, atribuída ou recusada ao poema, mas antes de mais nada reivindicada por ele, de constituir-se como um discurso sobre a verdade, de constituir-se como uma teoria, uma história, ou uma crítica de si mesmo. [...] Se o épico é impossível na modernidade, como convencionou determinar certa crítica literária, a incompatibilidade vista como irreversível entre poesia e cultura de mercado, dita democrática, é hoje mais do que nunca uma das razões convocadas para justificar a decepção, o desengano, o *pathos* apocalíptico diante da crise da poesia. [...] Não são poucos os que pedem a cabeça da poesia [de viés mais tradicional, no caso, da supracitada antologia], hoje, nos jornais ou na Universidade, a propósito da proclamação de sua morte ou sob o pretexto de abuso de poder. Ou seja, se há uma semelhança entre o desengano crítico e o combate ao elitismo da poesia, essa semelhança se baseia, antes de mais nada, na incompreensão da natureza e da função daquilo que quer dizer *solei cou coupé*, em poesia. (SISCAR, 2010, p. 68).

Na mencionada “A perda da auréola”, Baudelaire materializa, optando pela composição de uma forma transitória entre o verso e a prosa, o episódio homônimo ao título do texto. Nele, o “bebedor de quintessências e comedor de ambrosia” apressado, em meio ao caos móvel de uma avenida moderna, deixou escorregar sua auréola na lama, o que lhe tirou a disposição de apanhá-la e recolocá-la em sua cabeça. O sujeito interlocutor

do poeta, diante do ocorrido, questiona-o sobre aquela recusa e recebe como resposta que “há males que vêm para o bem” e completa que, graças a isso, ele se tornou “um simples mortal” (BAUDELAIRE, 2006, p. 253):

“O Senhor deveria, ao menos, colocar um anúncio dessa auréola, ou reclamá-la na delegacia caso alguém a achasse.” “Não! Não quero! Sinto-me bem assim. Você, só você me reconheceu. Além disso a dignidade me entedia. E penso com alegria que algum mau poeta a apanhará e a meterá [a auréola] na cabeça descaradamente. Fazer alguém feliz, que alegria! e sobretudo uma pessoa feliz que me fará rir. Pense em X ou em Z. Hein? Como será engraçado.” (BAUDELAIRE, 2006, p. 253-254)

Com base na leitura desse poema em prosa, construiu-se aquela operação argumentativa contrária aos poetas-acadêmicos, cujas obras flertam com o legado mais tradicional da arte poética. A crítica prefacial é seguida pelo elogio formal “comunicante”, que singulariza o segmento poético contemporâneo representado pelos **Poetas sem qualidades**, especialmente no que se refere aos procedimentos composicionais e temáticos do grupo. A partir disso, evidenciou-se o contexto poético-crítico de tais escritores, que dialoga, de certa forma, com o moderno episódio baudelairiano, principalmente com o citado encerramento, na medida em que se trata de autores cujas obras são contrárias a uma suposta vertente “aureolada” de escritores que publicam atualmente. Contudo, os “sem qualidades”, em termos comerciais, parecem se manter praticamente inacessíveis à leitura de boa parte do público leitor de poesia recente, o que os destacaria de modo negativo na cena poética na qual eles atuam, uma vez que isso reforça um imaginário “romântico” que os singularizaria, pois há uma concreta inviabilização de leitura das obras desses

escritores que atinge a muitos sujeitos que porventura quisessem ler livros em que estão publicados os seus respectivos poemas. Isso contribui, de modo decisivo, mercadologicamente, para legitimar a ideia de que tais poetas sejam frequentadores de uma espécie de “torre de marfim” editorial, cuja chancela continua a publicar apesar de todas as crises econômicas características do tempo atual, o que asseguraria, às atividades da editora, um viés “sacrificial”:

A mesma atitude incorruptível preside a todas as decisões da Averno, como por exemplo a de nunca fazer segundas edições (a *Língua Morta*, de Diogo e David, tem a mesma política). É sempre preferível editar um livro novo. A consequência é que muitas obras (as tiragens oscilam entre os 150 e os 300 exemplares) desaparecem para sempre. O próprio título “Poetas sem Qualidades” está há muito esgotado. (MOURA, 2013, s/p)

Ainda que exista uma real dificuldade comercial vivenciada não apenas pelas atividades da Averno, como também pelas de outras editoras que publicam obras de poetas contemporâneos, é notório que alguns dos títulos do citado catálogo foram aprovadas publicamente, o que legitima a destinação do predicativo “representativo” aos “sem qualidades” na contemporaneidade, este também destinado à antagônica vertente, mesmo que as produções daqueles talvez nem tivessem chegado às mãos de sujeitos que pudessem, eventualmente, discordar da adjetivação após realizarem leituras críticas efetivas. Isso contribui efetivamente para a materialização de uma conjuntura irônica que circunda o projeto, considerada a referência prefacial ao episódio baudelairiano, já que, paradoxalmente, parece ter ocorrido a real perda da auréola por parte dos poetas rivais “alfarrabistas deslocados”. Na sequência, entretanto, tal objeto

glamourizado teria sido recolhido e adotado pelos próprios **Poetas sem qualidades**, que, a partir de então, começaram a, na realidade mercadológica portuguesa, utilizá-la, ainda que eles insistam em se qualificarem como “marginais”, de acordo com a adjetivação constituinte do título da recolha que os lançou.

É fato, no entanto, que as produções poéticas de Manuel de Freitas e de Rui Pires Cabral, por exemplo, integram antologias publicadas por chancelas de maior abrangência comercial, caso da Assírio & Alvim/Porto Editora — o que lhes assegura uma maior visibilidade comercial entre os leitores de poesia e também reconhecimento crítico —, além de suas obras terem sido abordadas em reflexões acadêmicas, tanto brasileiras quanto portuguesas, e também terem sido assunto de considerações mediáticas, como as encontradas no jornal (Lisboa), ainda que haja crises econômicas que afetem, demasiadamente, a produção de livros e, por consequência, o respectivo estabelecimento comercial das atividades propostas por pequenas editoras. Tal conjuntura relaciona-se, de certa forma, com a seguinte reflexão de Marcos Siscar, consideradas as recorrentes menções à obra moderna de Baudelaire e demais autores em “O tempo dos poetas”:

[...] o discurso da crise se realiza, na poesia moderna [e também na vertente “sem qualidades” da poesia contemporânea portuguesa], graças não apenas a um tema, mas a um dispositivo central nomeado, figurado e experimentado como *sacrificial*. Consiste em entregar a própria cabeça, em reconhecer-se como vítima, *transformar-se* em vítima e, assim, em termos de constituição textual e discursiva, em *fazer-se* vítima. [...] Poderíamos dizer que na sua força de negação, o dispositivo sacrificial é um dos traços que compõem a chamada “épica” da modernidade, a trajetória de sua inserção e de sua interação com a história do último

século e meio. Sem que a poesia abra mão de si mesma [...], a violência autossacrificial é mais especificamente, a meu ver a expressão de um desejo de constituir comunidade, de estabelecer um espaço discursivo próprio [lembro-me do desejo de garantir leitores via polêmica prefacial de *Poetas sem qualidades*]. É o tempo do *fim da poesia* que começa, se quisermos reformular uma conhecida expressão baudelaireana. Constatar o *fim dos tempos* da poesia é um modo de esta realizar a modernidade poética [ou dialogar com ela, no caso do mencionado projeto antológico]. (SISCAR, 2010, p. 43)

Ao longo daquela discussão encaminhada paratextualmente, encontro, portanto, um desejo de legitimar o declínio da poesia e dos poetas supostamente “aureolados” da contemporaneidade, o que, por consequência, favorece as poéticas mais “prosaicas” e as coloca, ironicamente, no mesmo nível da “cinzentania” contemporânea, ou seja, dignas de reconhecimento acadêmico-crítico. Sem dúvidas, com o advento da obra de Charles Baudelaire e da modernidade em poesia, o prosaísmo adquiriu importância teórica, fato que considero crucial para o desencadeamento de aprovações críticas à proposição comunicante articulada por Manuel de Freitas sem que tivessem sido propostas muitas leituras críticas efetivas de poemas, uma vez que o repertório argumentativo, fundamentado em recorrentes menções a obras de autores canonizados e também relacionados à modernidade, contribuiu para isso. Diante do exposto, **Poetas sem qualidades** e as demais obras vinculadas à sua chancela editorial configuram-se em produtos mercadológicos irônicos que, para além de apenas satirizarem uma dada conjuntura de práticas literárias, apresentam uma inflexão pós-moderna ao encaminharem críticas e resistências e, ao mesmo tempo, lidarem e até mesmo materializarem aquilo a que, em princípio, se contraporiam.

Referências

AMARAL, Fernando Pinto do (org.). **Relâmpago**: revista de poesia, Lisboa, n. 12, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2008. v. 1.

CEIA, Carlos. “Antologia”. In: **E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia** [On-line]. 2010. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/?s=antologia>.

FREITAS, Manuel de (org.). **Pedacinhos de ossos**. Lisboa: Averno, 2012.

FREITAS, Manuel de (org.). **Poetas sem qualidades**. Lisboa: Averno, 2002.

JÚDICE, Nuno. Caminhos da poesia recente. In: **Via Atlântica**, São Paulo, n. 15, p. 285-297, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/viewFile/50439/5455>.

MARTINHO, Fernando J. B. O estado da poesia: achegas para a compreensão de alguma poesia portuguesa mais recente. In: SOUSA, Carlos Mendes de. **Relâmpago: revista de poesia**, Lisboa, n. 33, 2013.

MOISÉS, Carlos Felipe. Para que servem as antologias? 2013. Disponível em: <http://www.musarara.com.br/para-que-servem-as-antologias>.

MOURA, Paulo. Poetas como nós. In: **Público**, Lisboa, 29 mai. 2013. Disponível em: <http://blogues.publico.pt/reporterasolta/poetas-como-nos/>.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.